

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

Outra malvadez da República

Terminou o pesadelo dos governos de António Costa.

Foram os piores para as Regiões Autónomas, ultrapassando mesmo os piores desempenhos do tempo de Cavaco e de Passos.

O último governo da República deixa nas gavetas de S. Bento uma série de assuntos relativos aos Açores, que nunca foram atendidos e que agora passam para o governo de Montenegro, esperando-se que o governo dos Açores tenha a mesma veemência em reivindicar soluções rápidas para tantos problemas.

Um deles é o famigerado concurso das Obrigações de Serviço Público (OSP) entre o Continente e os Açores, que António Costa guardou na gaveta mais de um ano.

Agora, antes de abandonar o lugar, quis fazer o “brilharete” de publicar o concurso, mas com a sua marca habitual da governação para com as Autonomias: o concurso é um presente envenenado para os Açores.

Desde logo porque atribui uma verba de 45 milhões de euros por cinco anos (9 milhões por ano), quando é mais do que sabido que as rotas lá incluídas dão um prejuízo anual a rondar os 12,5 milhões de euros por ano, segundo revelam as contas da própria SATA, que até agora efectuava este serviço.

Mais grave: para além das rotas que já existiam (Lisboa/Santa Maria/Lisboa; Lisboa/Pico/Lisboa; Lisboa/Horta/Lisboa; Funchal/Ponta Delgada/Funchal), o novo concurso inclui agora uma nova rota: Funchal/Terceira/Funchal, elevando o custo da operação sem a devida compensação.

Acresce que o caderno de encargos é muito mais exigente no que toca aos mínimos de frequências, oferta de lugares por rota e transporte de carga e correio.

Começa logo por esta maldade: as OSP exigem para o Pico um total de 19.500 lugares anuais, mas a média actual é de 40 mil passageiros transportados na rota Lisboa-Pico, e para o Faial, que movimenta 80 mil por ano, as OSP exigem 75 mil!

A discrepância nas duas ilhas é ainda mais grave no Verão.

Outra maldade: no Verão os mínimos no Pico passam de 2 voos para 3, mas actualmente já chegam a 5 semanais no pino do Verão e mais hovessem...

Para o Faial, no Verão, os mínimos subiram de 3 para 6 semanais, mas chegam a ser 10 no pino do Verão!

Depois, há outro dado absurdo na nova rota da Terceira para o Funchal.

Entre Ponta Delgada e Funchal não há mínimos de carga, mas cometeram a maldade de meter mínimos de carga para a rota entre Terceira e Funchal, superior por exemplo ao Pico, o que inviabiliza a utilização do DASH Q400 nessa rota.

Um concurso destes, feito com os pés, é mesmo para gozar com o pago-de insular.

A grande questão que se coloca agora é simples: quem é que vai concorrer a este concurso para perder dinheiro?

Claro, a SATA!

Deixar o concurso deserto é deixar as populações daquelas ilhas sem transporte aéreo.

Ou o Governo dos Açores pede ao novo governo de Montenegro que revogue este concurso e apresente outro condizente com a realidade, ou aceita o sacrifício de ordenar à SATA para continuar a assumir os prejuízos como até aqui, o que vai contra as indicações de Bruxelas, no plano de reestruturação da SATA, que a proíbe de concorrer a rotas deficitárias.

Um imbróglio à moda da nossa República madrastra, que se livra de um problema, empurrando-o para cima de nós, contribuintes açorianos.

Não é de génio.

É mesmo malvadez política.

Peixe dos Açores é o mais valioso do país



O peixe capturado nos Açores é o mais valioso do país, apesar de, no ano passado, se ter registado menos pesca na Região.

Com efeito, no ano passado, o aumento de peixe capturado foi uma realidade nas regiões Norte e Centro, na Área Metropolitana de Lisboa e também no Alentejo e no Algarve.

No entanto, o maior registo foi obtido nas lotas do Centro (41,6 mil toneladas), seguido pela região da capital (32,4 mil toneladas) e pelo Norte (18,9 mil toneladas), de acordo com dados provisórios da Direcção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM), que o jornal online ECO teve acesso.

Nas ilhas, o cenário é um pouco diferente.

Na Região Autónoma dos Açores, o peixe capturado durante o ano passado (9,4 mil toneladas) ficou aquém dos valores registados em 2022 (10,1 mil toneladas) e em 2021 (11,8 mil toneladas).

Já na Região Autónoma da Madeira, no ano passado foram capturadas 4,9 mil toneladas de peixe.

Um valor superior a 2022 (3,9 mil toneladas), mas abaixo dos números de 2021 (5 mil toneladas).

De acordo com dados do INE, em 2022 foram capturadas pela frota portuguesa 165.801 toneladas de pescado, o que relativamente a 2021 representou um decréscimo de 10,6% na produção da pesca nacional.

Pedro Jorge, Presidente da Associação dos Armadores das Pescas Industriais (ADAPI) explica a diferença dos números pelo facto de a Docapesca registar apenas o peixe fresco descarregado nas lotas em Portugal.

O responsável lembra ao ECO/Local Online que “há muito peixe fresco capturado por portugueses em lotas fora de Portugal”.

Há um conjunto de 15 navios portugueses a pescar e descarregar nas lotas espanholas”, exemplifica ainda o líder da ADAPI. Por outro lado, ao longo do ano passado, o preço médio por quilo diminuiu 8,5%, para 2,27 euros (vs. 2,48

euros registados em 2022).

Foi a região do Algarve que registou a maior descida do preço médio (18 cêntimos), seguida pela Área Metropolitana de Lisboa, onde caiu 17 cêntimos, e do Centro, que viu o valor médio ser desvalorizado em 15 cêntimos.

No Alentejo a queda foi menos expressiva (-13 cêntimos).

A região Norte foi mesmo a única em que o preço médio do peixe subiu em 2023, três cêntimos acima do ano anterior.

Na Região Autónoma da Madeira e dos Açores, o peixe é mais valioso.

O ano passado, o preço médio por quilo nos Açores foi de 4,18 euros, enquanto na Madeira foi de 4,04 euros.

O preço médio foi superior ao de 2022 em ambas as regiões.

Pedro Jorge, presidente da Associação dos Armadores das Pescas Industriais, explica que o preço médio do peixe nas ilhas é superior porque as espécies capturadas são “mais valiosas”.

“O peixe-espada preto é um peixe que se pesca muito nas ilhas e tem um valor muito elevado no mercado, enquanto há espécies que se pescam no continente em grandes quantidades, como por exemplo o carapau, mas que tem um valor muito inferior”, diz Pedro Jorge, acrescentado ainda que nos “Açores é pescado peixe com muita qualidade”.

Uma opinião partilhada pela Docapesca, que sublinha ao ECO/Local Online que nas “ilhas são pescadas espécies com maior valor comercial. Enquanto no continente, apesar de a variedade ser maior, a existência de maiores quantidades de cavala, carapau ou sardinha acabam por “puxar o preço médio mais para baixo”.

No território continental, de Janeiro a Dezembro do ano passado, o peixe mais capturado foi a cavala, seguido da sardinha e carapau.

Nos Açores, a categoria mais capturada foi a dos esparídeos diversos e das lulas, enquanto na Madeira foram os espargos e o peixe-espada preto.